

Noite de Prisão

(Ao meu amigo Deodato Ramos)

Borbos moços, cheios de vida e cor,
Roubados à luta pela garra feroz
Do despotismo cruel, opressor,
Fazem no cativeiro em agonia atro!

Porta o silêncio um suspiro de dor,
Que transpõe as grades e parte veloz
Para junto dos que, com tanto amor,
Em pequenos enclausuraram de si.

O ma mole infundavel da prisão
Meu peito, onde habita um ideal rão,
Dolores velejando me ái de saudade.

E que a meus olhos perpassa em visão
Seus tempos felizes, que longe já não,
Um que eu te amava em plena liberdade!

Alpide 14/11/1932 Maria

HEROI VERMELHO

Guilhos de vermelha contam o espaço,
O fogo cominha em onda, em turbilhão.
Brilha ao sol, das berinucas, o aço
Prestes a carregar sobre a multidão.

Na vanguarda vai, um garoto louro,
Agitando o standard triunfante;
Sob os peito tem cabelos d'ouro
& assim, um figura feito gigante!

Numa descarga mortífera, alucinadora,
Parte do meu bala, desmadora,
Atinge o garoto um feroz coração!

E, no bairro, uma boca ensanguentada
grita, as entidades já em debandada:
Avante!... Avante... pela... REVOLUÇÃO!

Flávio 15/11/1932

Maria

MALDITO SEJAS

Simo maldito que no caminhário,
Som som plauente, nas ameaças
Tens álmo a meus no caminhário,
Onde a luz vila se vai esgotando.

Este caminho, onde o destino me levará,
Quando te ouço, — Oh, sim traidor! —
Vou a dor aquela em meu peito de ferro
Por never mais... fui vado é amôr!

Que ten sou, reverência e brutal,
— Riso escarninho zombando do mal
Que minha alma enerra e ameaça desejos-,

Completa o seu fio de desunião.

Nunca eu te quero, da meu coração,
Pra sempre maldito... MALDITO SEJAS!

Adubo 16/4/1932

Maria